

DOIS FOLHETINS MONÇOEIROS DO SÉCULO XVIII

Paulo Pitaluga COSTA E SILVA

A bibliografia mato-grossense é extremamente rica, em especial no que se refere à história, geografia e etnologia. É um estado cheio de histórias, contadas não só por historiadores e pesquisadores, mas por viajantes, militares, governantes, cientistas e aventureiros de toda a ordem que, através dos séculos, por aí passaram, registrando as viagens e aventuras em que se meteram.

Ao se mencionar o século XVI, tem-se em mente que as primeiras obras que tratam de Mato Grosso, datam daquela época. Todavia, há que se lembrar que naquele século, Mato Grosso não tinha esse nome, nem era conhecido como tal. As crônicas de Ulrich Schmidl, o primeiro historiador do rio da Prata, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Don Hernando de Ribera, do jesuíta português Antonio Rodrigues, e no século XVII, os *Anales* de Ruy Diaz de Guzman, relatam acontecimentos ocorridos no hoje território mato-grossense, mas que aquela época era tão somente reino castelhano por força do Tratado de Tordesilhas.

O nome Mato Grosso só adveio com a descoberta em 1734, pelos irmãos Paes de Barros, das “Minas do Mato Grosso” no vale do Guaporé. Dai para cá esse nome consolidou-se na história e o temos até hoje.

Assim, os livros, opúsculos, relatos, crônicas ou cartas anteriores a 1734, obrigatoriamente não falam em Mato Grosso, como aquelas anteriores a 1719 não podem mencionar Cuiabá.

Dessa forma, o historiador, o pesquisador pode querer saber qual a primeira obra impressa, aquela que em seu bojo ou mesmo em seu título mencione os termos Mato Grosso e Cuiabá.

Em pesquisas efetuadas em torno de nossa bibliografia histórica, encontrei dois folhetos, que foram impressos ainda no século XVIII, e que mencionam especificamente em seu títulos os nomes Cuiabá e Mato Grosso e que se constituem em bibliografia mato-grossense,

A primeira obra levantada, é um opúsculo de meras 8 páginas, impresso em Lisboa, no ano de 1754.

Um anônimo viajante e aventureiro, seu autor, denominou-a **“RELAÇÃO DA CHEGADA QUE TEVE A AGENTE DE MATO GROSSO E AGORA SE ACHA EM COMPANHIA DO SENHOR D. ANTONIO ROLIM DESDE O PORTO DE ARARYTAGUABA, ATÉ A ESTA VILA REAL DO SENHOR BOM JESUS DO CUYABA”**, Segue-se ao título, ainda na folha de rosto: **LISBOA/NA OFFICINA SILVA/ANNO DE 1754/COM TODAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS.**

A obra é interessante. Relata a viagem de seu anônimo autor, iniciando em Ararituaba, hoje Porto Feliz, descendo o rio Tietê acompanhando a comitiva do Capitão General de Mato Grosso, Dom Antonio Rolim de Moura, em viagem que esse governante fez para Cuiabá em 1750.

Seu autor descreve rios, cachoeiras e varadouros, dando inclusive o significado de seus nomes tupis-guaranis. Todavia o seu relato, como parece à primeira vista em função da nomeação do título, não chega a Cuiabá, pois o mesmo, na oitava e última página, nos diz textualmente:

Não te enfado mais amigo Leitor, com esta, porém se quiser ter a paciência de me ouvires na segunda parte, pois nela te darei mais ampla noticia. E sem mais nem menos termina o trabalho. Por mencionar o rio Grande, infere-se ter paralizado o seu relato quando a sua monção ainda viajava pelo rio Paraná.

Ao que se sabe, o autor, apesar da promessa formal, jamais deu continuidade a esse roteiro de viagem. Pelo menos não chegou a ser impresso, e se o foi, perdeu-se nos séculos.

Tipograficamente a pequena obra é muito pobre, cheia de erros (Mato Grosso com C cedilha: Mato “Groço”) e de trocas de tipos, fazendo com que seja uma impressão bastante ordinária. Aliás muito típica das impressões de folhetins e opúsculos portugueses da época.

Se bem que a descrição em si, nem de longe mencione qualquer coisa de Cuiabá ou de Mato Grosso, o seu longo e interessante título, caracteriza essa obra como a primeira que realmente cita esses locais em seu cabeçalho. Pelos menos se pode certamente inferir que o autor era um dos passageiros da monção de levou para Cuiabá o Capitão General D. Antonio Rolim de Moura.

Outrossim, para a historiografia regional o referido opúsculo é obra importante, vez que a mesma foi escrita de Cuiabá. Senão vejamos. O autor menciona no título *até a esta Villa Real...* Em dizendo assim, infere-se que o mesmo haja escrito o folheto **desta** vila, **desta** cidade de Cuiabá. Tal seja, pela primeira vez, alguma coisa escrita em Cuiabá, foi impressa e publicada ainda no século XVIII.

Daí a extrema importância do opúsculo para a historiografia regional mato-grossense.

O segundo folhetim, com meras 6 páginas, tem todas as características do século XVIII. Linguagem, impressão, composição, diagramação, papel ordinário e sempre os erros tipográficos característicos.

Trata-se da **“RELAÇÃO E BREVE NOTICIA DE HUMBICHO FERROZ QUE APARECEO A GENTE QUE FOI PARA O MATTO GROSSO”**.

Autor anônimo, sem local, sem edição e sem data. Mas muito interessante e curioso o tal folhetim.

A capa ostenta um mal desenhado “bicho feroz”, que o texto descreve como tendo cabeça de elefante, ventre de baleia, unhas de leão, sem cauda, com escamas nas costas à guisa de pelos, e ainda lançava fogo pela boca. E uma fera dessas logo aqui em Mato Grosso... O editor português deve ter-se impressionado com a descrição contida no texto, e mandado desenhar a horrenda figura de capa.

Para criar tamanha fantasia, o anônimo autor certamente baseou-se em alguma lenda indígena ou mesmo no folclore dos bandeirantes de sua época. E ainda teve a imensa coragem de mandar imprimir, de dar prelo ao que a sua imaginação relatou nesse raro opúsculo.

Talvez o autor, em suas perambulações pelos sertões, tenha visto algum animal de grande porte, que o surpreendeu em pleno mato. Uma anta provavelmente. O silêncio da noite, o tropel e os urros do animal

em fuga, as crendices, o medo, a bebida e a imaginação, encarregaram-se do resto.

Há que se mencionar a descrição de um combate havido entre esse bicho feroz e as tropas de um capitão general. Como na realidade não há registro histórico de nenhum entrevero desse tipo, leva-se a crer que tal bicho feroz, seu aparecimento e o combate a ele dado por tropas regulares, não passam de pura fantasia do autor.

A rigor, de acordo com a descrição, trata-se do aparecimento do tal bicho feroz às pessoas que se dirigiam para as minas do Cuiabá em uma monção vinda pelo Tietê. Não se trata propriamente de um relatório de uma viagem de Araritaguaba ao porto geral da vila do Cuiabá numa monção cuiabana.

Todavia há que se ressaltar que, nas primeiras páginas do texto, o autor de forma bastante confusa, imprime um relato moral acerca de pessoas ambiciosas, que só pensam no ouro, nas glórias e no dinheiro. Muito, mas muito confusa a sua redação nessa parte.

Em função desse texto inicial pode-se, talvez, inferir que o aparecimento do bicho feroz tenha sido uma fábula, para indicar que o mesmo possa ser combatido, como aniquilado podem ser as pessoas sem qualidades morais, perniciosas à sociedade e sem amigos leais.

Independente de contar ou não fatos mato-grossenses, de ensaiar sobre nossa história ou geografia regional, de descrever roteiros de viagens tão comuns na época, a importância dos dois folhetos é meramente bibliográfica. Foram os dois únicos folhetins impressos no século XVIII, que se tem notícias, abordando, pelo menos em seus títulos, o termo Mato Grosso. E em sendo os seus anônimos autores passageiros de monções cuiabanas, pode-se bibliografá-los como folhetins monçoeiros.

Uma curiosidade bibliográfica. Existem outros dois opúsculos que aparecem nos seus respectivos títulos o termo “TERRAS DE MATO GROSSO” e com títulos mais ou menos semelhantes. Todavia em se lendo mais detidamente os respectivos textos, percebe-se que não se trata realmente de bibliografia mato-grossense, *As terras de mato grosso* que os títulos mencionam, são realmente locais situados na Capitania do Grão Pará, onde o mato é alto, espesso e impenetrável, e não, como à primeira vista pode indicar, terras pertencentes geograficamente a então capitania de Mato Grosso.

São eles os opúsculos:

- 1 - “RELAÇAM E NOTICIA DA GENTE, QUE NESTA SEGUNDA MONÇÃO CHEGOU AO SÍTIO DO GRÃO-PARÁ, E AS TERRAS DE MATO GROSSO, CAMINHOS QUE FIZERÃO POR AQUELAS TERRAS, COM OUTRAS CURIOSAS E AGRADÁVEIS DE RIOS, FONTES, FRUCTOS, QUE NAQUELE PAIZ ACHARÃO. LISBOA, NA OFFICINA DE BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA, ANNO DE M.DCC.LIV”.

Trata-se de um pequeno opúsculo de 4 páginas, mera cópia e transcrição de uma carta que o autor Caetano Paes da Silva mandou para um certo Isidoro do Couto em Lisboa.

- 2 - “RELAÇÃO CURIOSA DO SÍTIO DO GRÃO-PARÁ E TERRAS DE MATO GROSSO, BONDADE DO CLIMA, FERTILIDADE DAQUELAS TERRAS/ ESCRITA POR UM CURIOSO EXPERIENTE DAQUELE PAIS”.

A sua folha de rosto não contém indicação do autor, local de impressão, do editor, do autor, nem mesmo a data. Tem tão somente 8 páginas, e se constitui extremamente raro e de difícil obtenção.

Ramiz Galvão em seu Catálogo da Exposição de História do Brasil, no vol. 9 dos Anais da Biblioteca Nacional, 1881/1882, o menciona como publicado em 1754, mas isso não pode ser inteiramente comprovado.

Tratam-se ambos de bibliografia paraense.

Vários outros relatórios de viagens foram escritos ainda no século XVIII, mas os mesmos só foram impressos nos séculos XIX e até mesmo no XX. Há que se citar somente os relatos dos Capitães Gerais D. Antonio Rolim de Moura e Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, e ainda do Juiz de Fora de Cuiabá, Diogo de Toledo Lara e Ordonhez, do engenheiro militar Ricardo Franco de Almeida Serra e dos engenheiros Francisco José de Lacerda e Almeida e Antonio da Silva Pontes.

Diferentemente dos relatos de viagens destes autores acima nomeados, os dois folhetins mencionados foram escritos no século XVIII e ainda nesse mesmo século foram impressos.

Sem dúvida, essas curiosidades e raridades, são da mais suma importância para o histórico bibliográfico de Mato Grosso. Dois pequenos folhetos, singela relação de viagem, o primeiro, e pretensa e simples constatação, o segundo, que nos legaram acima de tudo, a preocupação de seus anônimos autores com o registro histórico, salvando do esquecimento do tempo, as experiências e as vivências que as suas aventuras lhes proporcionaram em pleno século XVIII no caminho das monções cuiabanas.